



RELATÓRIO ANUAL

2 0 1 3

GREENPEACE



Foi com grande alegria e senso de responsabilidade que assumi a presidência do Conselho Diretor do Greenpeace Brasil, em junho de 2013. Alegria por fazer parte dessa família de guerreiros do Bem, cuja ação destemida e consequente acompanhamento há décadas; senso de responsabilidade por participar internamente deste momento de profundas mudanças no Greenpeace. A saída de Marcelo Furtado como Diretor Executivo e de Rachel Biderman como Presidente do Conselho deixou-nos um legado do qual somos todos orgulhosos.

A partir de 2013, o Greenpeace caminha a passos largos para a implementação de um ambicioso modelo de gestão. Esse novo modelo fortalece um processo de descentralização que delega poder e responsabilidade aos escritórios dos países onde a ação é necessária para a promoção das mudanças em escala planetária.

O Greenpeace Brasil tem um papel de destaque nessa nova arquitetura, liderando a campanha internacional pela proteção da Amazônia, ao mesmo tempo em que participa da iniciativa pela proteção do Ártico, entre outras.

No Brasil, o Greenpeace se mantém como uma das organizações mais atuantes da sociedade civil, e não apenas pela proteção ambiental: nossos colaboradores, ativistas e voluntário participaram ativamente das manifestações pacíficas que eclodiram em junho de 2013 em todo o país. Além disso, a agenda urbana do Greenpeace se firmou com o lançamento da Campanha de Transportes, que visa melhorar a mobilidade nas grandes cidades e priorizar o transporte público.

Outra ação de impacto sobre a questão climática, a Campanha da Amazônia, conquistou importantes resultados nos últimos meses. Temos contribuído consistentemente para a queda nos índices de desmatamento – e, portanto, das emissões brasileiras de gases de efeito estufa – com nossas ações e liderança. Iniciativas da sociedade civil em que o Greenpeace Brasil participou, como a moratória da soja e o compromisso da pecuária, foram fundamentais para chegarmos a esse resultado. Porém, a destruição da Amazônia e do Cerrado permanece: o Código Florestal aprovado em 2012, assim como os atuais ataques à integridade do patrimônio florestal e

ambiental do Brasil e as tentativas no Congresso Nacional de reduzir direitos indígenas e áreas protegidas do país são provas flagrantes de que teremos muitas batalhas pela frente.

Assim, embora tenhamos muito a comemorar no Greenpeace, inclusive a mudança para uma nova sede, estamos cientes da responsabilidade de garantir que somente com vigilância constante e respostas contundentes estaremos cumprindo nosso papel de proteger o meio ambiente e todas as suas formas de vida.

Por fim, o Greenpeace Brasil deve agradecer a Fernando Rossetti, nosso Diretor Executivo entre julho de 2013 e junho de 2014. Fernando apoiou a transição para o novo modelo operacional e enfrentou uma das crises mais difíceis na história do Greenpeace: a prisão de trinta ativistas pelas autoridades russas após protesto pacífico contra a exploração de petróleo no Ártico.

No ano passado, a captação de recursos do Greenpeace Brasil cresceu em mais de 10 mil novos doadores, um crescimento de 18% em relação ao período anterior. Estes recursos fortalecem o investimento em nossas campanhas para continuar mudando o futuro do Brasil e do mundo.

Seguimos em frente, com o continuado apoio da organização internacional, com a dedicação dos colaboradores, voluntários, equipe e diretores, com a liderança de Asensio Rodriguez que assume a partir de julho de 2014 como diretor executivo interino, e, afinal, com a paixão pela vida e pelo Planeta que move todos nós.

Obrigada a todos por esse ano fantástico!

São Paulo, 04 de julho de 2014

Laura Valente de Macedo

Diretora Presidente do Conselho Diretor
Greenpeace Brasil



© Caio Paganotti

A close-up photograph of a woman with dark hair and a gentle smile. A young monkey is perched on her shoulder, looking towards the camera. The background is dark and out of focus.

AWÁ-GUAJÁ OS FILHOS DA FLORESTA

“O meu pai morreu aqui perto, vítima dos madeireiros. Eles acabaram com a gente. Destruíram nossa floresta, acabaram com a nossa comida. Eu fiquei aqui. Essa é a minha história.”

Com uma criança num braço e um macaco no ombro – disputando atenção e leite materno – a **indígena Inameá Awá** fala com voz suave sobre seu passado. Era véspera do Dia do Índio de 2013, data comemorada nacionalmente todo 19 de abril. Mas na Terra Indígena Caru, no Maranhão, o momento não era de festa.

O Greenpeace chegou ao território dos Awá-Guajá depois de viajar centenas de quilômetros. Mas o esforço era necessário: a etnia é uma das mais ameaçadas da Amazônia. Com pouco mais de 300 indivíduos vivos, o povo Awá vive numa ilha de floresta cercada por desmatamento.

É justamente o fato de estarem em um dos últimos remanescentes de floresta da Amazônia Oriental que lhes deixa ainda mais vulneráveis: a invasão de madeireiros é constante e violenta. As ameaças, frequentes. Não à toa, quando pisamos na terra indígena, uma das palavras que mais se ouvia nas histórias contadas pelos Awá é Wiramixarokara. Ou, em português, madeireiros.

“Historicamente, toda a subsistência dos Awá-Guajá está na caça e na coleta. Eles dependem diretamente da floresta para viver”, explica o antropólogo e professor da Unicamp Uirá Garcia,

que estuda esse povo há mais de dez anos. Para ele, desmatamento é sinônimo de tragédia: “É o fim da vida”, define Garcia.

Naquele dia, ouvimos as histórias dos Awá e produzimos materiais em foto, texto e vídeo para divulgar a situação deles. A ideia era fazer com que aquelas histórias de violência e ameaças saíssem do interior do Maranhão e ganhassem o mundo.

Com o apoio do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e de outros movimentos sociais parceiros, voltamos outras vezes. O caso dos Awá ganhava cada vez mais atenção da imprensa.

Até que, no início de 2014, finalmente uma boa notícia veio de Brasília: depois de mais de 12 anos, a Justiça Federal determinava a desintrusão das terras indígenas dos Awá. Em outras palavras: que todos os invasores fossem retirados do território indígena, para que a terra voltasse a ser daquele povo, conforme manda a Constituição Federal.

A desintrusão foi concluída em abril. Foi uma festa para os Awá. Um passo importantíssimo. Mas na Amazônia os conflitos por terra e recursos naturais só vão chegar a um ponto final quando o Estado brasileiro estiver permanentemente presente na região. Nós vamos continuar cobrando.

O BRASIL MOBILIZADO PELO DESMATAMENTO ZERO



© Greenpeace

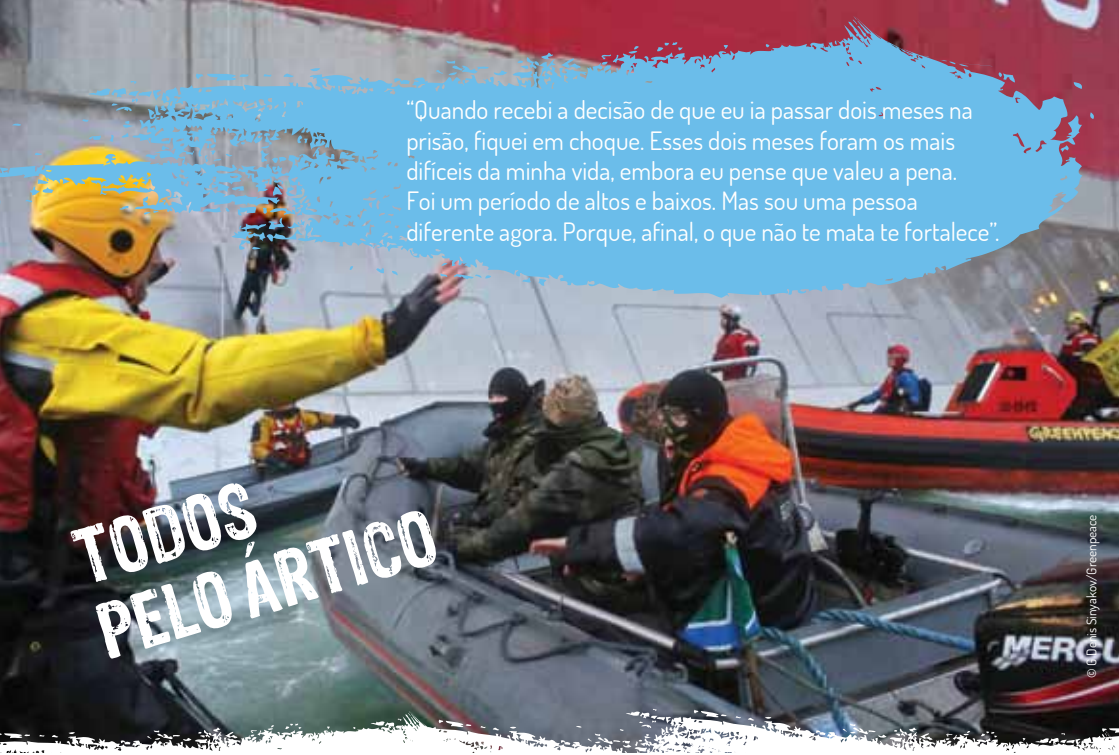
“Muitas vezes quem mora na cidade vê o desmatamento como uma realidade distante e pensa: por que me preocupar com isso? Mas a situação afeta a todos nós e o DZ é a forma que encontrei para proteger a floresta”.

Denison Ferreira Cardoso, morador de São Luís é mobilizador da Campanha pelo Desmatamento Zero. Ele espalhou pelo Maranhão a mensagem da campanha do Projeto de Lei de Iniciativa Popular que será submetido ao Congresso. Aos 24 anos, montou um grupo com outros dez universitários para divulgar a ideia e, em menos de um ano, conseguiu cerca de 500 assinaturas.

Para que o movimento ganhe ainda mais força é necessário um amplo engajamento da sociedade. Por isso, o Greenpeace lançou a Mobilização Nacional pelo Desmatamento Zero para que as pessoas

pudessem, assim como Denison, fazer a diferença em qualquer lugar do país. De norte a sul, em mais de 50 cidades, apoiadores da causa organizaram atividades para dialogar com a população sobre os impactos socioambientais causados pelo desmatamento e coletar assinaturas.

Ao todo, foram 955.460 assinaturas coletadas até o fim de 2013, mostrando que o sonho da Lei Popular pelo Desmatamento Zero está cada dia mais próximo de uma realidade construída de forma coletiva e pela vontade do povo.



“Quando recebi a decisão de que eu ia passar dois meses na prisão, fiquei em choque. Esses dois meses foram os mais difíceis da minha vida, embora eu pense que valeu a pena. Foi um período de altos e baixos. Mas sou uma pessoa diferente agora. Porque, afinal, o que não te mata te fortalece”.

TODOS PELO ÁRTICO

Quem viu **Ana Paula Maciel** voltando ao Brasil, depois de um total de 100 dias proibida de deixar a Rússia, sabe que ela voltou forte. Na véspera do Ano Novo, quando pisou no saguão do aeroporto de Porto Alegre, sua terra natal, ela ainda tinha o ativismo na veia: estendeu uma faixa para a multidão de fotógrafos e jornalistas que se espremiavam para registrar seu retorno ao país: “Salve o Ártico”, dizia a mensagem.

Foi com essa mesma ousadia que no dia 18 de setembro de 2013 a gaúcha participou de um protesto pacífico contra a exploração de petróleo no Ártico. Ela e outros 27 ativistas do Greenpeace, além de dois jornalistas, estavam em águas internacionais para estender um banner com uma mensagem numa plataforma de petróleo da estatal russa Gazprom, que pretende começar a explorar a área.

O mundo todo ficou sabendo o que aconteceu em seguida: todos foram presos – inclusive o navio Arctic Sunrise, que dava apoio à tripulação de ativistas – e uma batalha judicial que durou muitos meses teve início para a libertação de todos.

Acusados de pirataria e vandalismo, os membros do Greenpeace não baixaram a bola e,

assim que deixaram a prisão, começaram a falar para o mundo inteiro não só sobre a tentativa da Rússia de calar suas vozes, mas principalmente sobre os perigosos planos do país de explorar petróleo em uma região tão frágil e vulnerável como o Ártico.

A história mobilizou meio mundo. Mais de 800 atos foram realizados em 46 países pedindo a libertação dos ativistas. Diplomatas, políticos, artistas e chefes de Estado – incluindo a presidente Dilma Rousseff – se pronunciaram contra a prisão do grupo. O governo russo acabou cedendo, e concedeu a anistia por um crime que nunca foi cometido. O navio Arctic Sunrise, que atravessou meses sob custódia no país, foi liberado apenas em junho de 2014.

Apesar das dificuldades, Ana Paula nem pensa em parar. “Estive sempre entre amigos, mas esse episódio deixou claro que a família Greenpeace não para de crescer. É a família que acredita na nossa mensagem de proteção ao planeta, de paz e de necessidade de mudar de rumo por um futuro melhor. Só tenho a agradecer a todos que nos apoiaram e clamaram pela nossa liberdade”, diz ela, olhando para o futuro: “A luta está apenas começando”.



© Dmitri Sharmov/Greenpeace



© Greenpeace/Marco Filho Greenpeace

"A história da Ana foi um exemplo para todos nós. Fiquei surpresa como todas as pessoas que conversávamos em Porto Alegre a conheciam e queriam ajudá-la. Colocamos uma jaula na rua para que as pessoas tirassem fotos como se estivessem presas. Sua mãe estava lá, e, mesmo abatida com a prisão da filha, sempre se mostrou uma mulher forte, assim como a Ana."

APOIO INCONDICIONAL

Stephani Silva, trabalha como captadora na equipe de Diálogo Direto do Greenpeace e pode ver de perto a força da mobilização por uma causa: esteve presente nas atividades de apoio realizadas em Porto Alegre durante o período em que a bióloga gaúcha Ana Paula Maciel ficou presa. Mesmo distante milhares de quilômetros de casa, a ativista nunca esteve tão próxima do espírito que une a organização, servindo de exemplo a todos sensibilizados pela proteção do Ártico.

Quando a prisão já durava dois meses, o Greenpeace organizou um ato global em solidariedade que contou com protestos em mais

de 47 países. No Brasil, lembramos de Ana Paula levando pessoas às ruas em Porto Alegre e em São Paulo também.

Além do apoio da sociedade civil, importantes figuras políticas como a presidente Dilma Rousseff, o ministro Luiz Figueiredo, os senadores Renan Calheiros, João Capiberibe e Ana Rita, o governador Tarso Genro e o embaixador Fernando Barreto se sensibilizaram com a prisão da brasileira, fortalecendo o coro pela sua liberdade. Justiça feita, pouco depois todos estariam de volta às suas casas graças à anistia oferecida pelo governo Russo às vésperas da celebração do Natal.



Fotos © Greenpeace/Diávo Almeida

“Fiquei muito feliz quando notei os olhares curiosos de todos os jovens entusiasmados com as pequenas placas solares que nós do grupo de voluntários do Greenpeace Brasil trouxemos.”

JUVENTUDE SOLAR

Foi com um sorriso no rosto – e muita mão na massa, quer dizer, nas placas solares – que o voluntário **Rafael Gomes** trabalhou do começo ao fim para ver o projeto Juventude Solar ser concretizado. Durante dois meses, jovens de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, receberam aulas sobre energias renováveis e foram treinados para poderem instalar, junto com os voluntários, placas solares no telhado do Centro Comunitário Lídia dos Santos.

O Juventude Solar envolveu educação de jovens e incentivo à energia solar. Foi a concretização do trabalho que o Greenpeace vem realizando há anos para promover novas fontes renováveis de energia. Mostrou que a energia solar não é um mito e que pode, sim, ter seu uso ampliado no Brasil; que, além de gerar energia limpa e não contribuir com emissões de gases do efeito estufa, parte da

geração solar pode servir como desconto na conta de luz final; e que os jovens que, hoje, entram em contato com energias renováveis poderão buscar empregos verdes no futuro.

Durante o treinamento, os jovens aprenderam sobre energia, eletricidade, a composição da matriz energética brasileira, quais são as fontes sujas e limpas, e puderam ver aos poucos os usos e benefícios da energia solar. Fabricaram fogões solares e lanternas, e ganharam consciência das vantagens da diversificação de fontes de energia.

O Greenpeace incentiva o setor de energias limpas e renováveis e tem como um de seus objetivos propagar o conhecimento para que a expansão da energia solar seja possível e que, aos poucos, um mercado para essa fonte seja criado e constantemente aprimorado.



MOBILIDADE: UM DIREITO DE TODOS

Fotos © Greenpeace/Olivia Almeida



“Me mudei para São Paulo para trabalhar no Greenpeace. Ironia do destino, quando lançamos a campanha de transportes o meu trajeto casa-trabalho-casa somava três horas diárias, muitas das quais passadas em vagões lotados. Tudo isso me transmite, cada dia mais, o senso de urgência e a importância de iniciativas como a nossa e de outras organizações que lidam com mobilidade urbana”.

Barbara Rubim, da campanha de Clima e Energia do Greenpeace, participou das atividades promovidas em 2013 relativas ao direito de ir e vir nas cidades. Foi com protestos em diversos locais críticos em mobilidade do país que o Greenpeace lançou a campanha “Cadê o Plano de Mobilidade Urbana?”, que trouxe à tona um dos maiores dilemas da sociedade moderna: como deslocar-se de maneira segura, eficiente e com menos impacto ao meio ambiente? A campanha incentivou que os cidadãos acompanhassem a elaboração dos Planos de Mobilidade de sua cidade e que também repensassem seus hábitos cotidianos. Um mapa interativo forneceu informações atualizadas sobre o status do plano em grandes cidades do Brasil.

O tema esquentou em todo o Brasil quando o Movimento Passe Livre alavancou os protestos

de junho contra o aumento de 20 centavos na tarifa do transporte em São Paulo. O Greenpeace participou pacificamente, em defesa da liberdade de manifestação não violenta e por um transporte público acessível.

Ainda no espírito da mobilização, no Dia do Pedestre o Greenpeace realizou uma intervenção urbana pintando faixas de pedestres apagadas e cobrando do governo uma infraestrutura que respeite os direitos de quem anda a pé. Grupos de voluntários em oito cidades também aplicaram “curativos” em calçadas malconservadas e que oferecem riscos. O concurso “Sardinha de Ouro”, mostrou nas redes sociais que ninguém mais quer andar pelas cidades no aperto de vagões e ônibus – foram 350 fotos enviadas pelos usuários de Facebook, Twitter e Instagram.

PELO MUNDO



© Angela Blencio / Greenpeace

Protesto em Londres pela ampliação das áreas marinhas protegidas



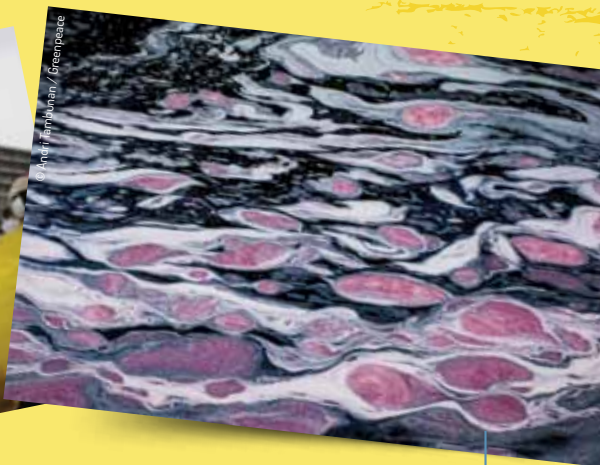
© Greenpeace

Um banner controlado remotamente sobe durante o pódio do Grande Prêmio da Bélgica, subvertendo o logo da Shell.



© Noriko Hayashi / Greenpeace

Ativistas marcham até o parlamento japonês, para relembrar o desastre de Fukushima e cobrar do governo o fim do uso da energia nuclear no país.



© André F. R. M. / Greenpeace

Documentação realizada na Indonésia sobre a contaminação química de rios, proveniente de descartes da indústria têxtil fornecedora de grandes marcas como a GAP.

Dirigível sobrevoa a usina nuclear de Doel, na Bélgica, para informar população sobre os riscos da energia nuclear.



© Greenpeace / Rik Timmermans



© Christian Ilund / Greenpeace

Ativistas preparam cápsula do tempo de titânio com os nomes de 2,7 milhões de pessoas que assinaram pela proteção do Ártico.

© Greenpeace / Ivo Gonzalez



Voluntários levam mensagem de proteção ao Ártico às areias da praia de Botafogo, no Rio de Janeiro, no Dia Global de Ação.



© Daniel Mueller / Greenpeace

Ativistas se amarram ao navio de carga Eilbek, em Hamburgo. O navio transportava carne de baleia para Rotterdam.



© Greenpeace



© Wim Pease / Greenpeace

Depois de ter seu pedido de navegação negado, o navio Arctic Sunrise entra na costa russa para protestar contra a exploração de petróleo no Ártico.

Time de escaladoras que subiu o Shard, o mais alto prédio de Londres e sede da Shell, empresa que lidera as investidas de exploração de petróleo no Ártico.



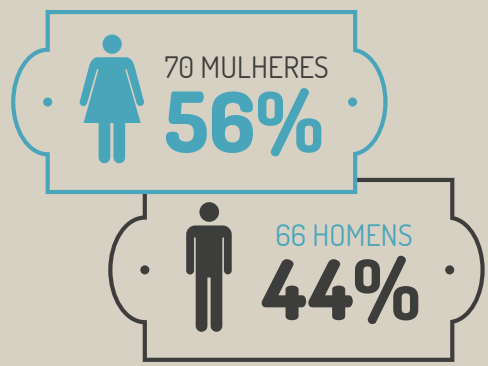
© Greenpeace

NOSSO TIME

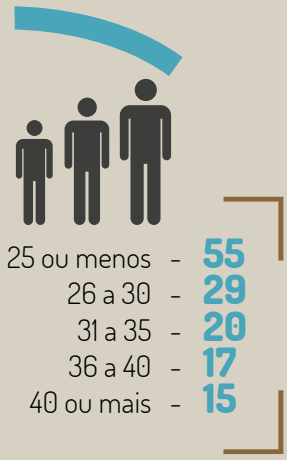
"O contato com colaboradores me fez acreditar que é possível conquistarmos um planeta mais verde. Sinto na voz de cada um a confiança depositada na organização, acreditando que podemos continuar fazendo a diferença e sermos verdadeiros porta-vozes do nosso planeta."

Ingrid Pigozzi é assistente de relacionamento e trabalha no escritório de São Paulo. Conheça o perfil de quem, assim como ela, dedica seu cotidiano à organização. Um time de raça e força, que encara de frente os desafios, inspira mudanças e organiza propostas com soluções para os temas trabalhados.

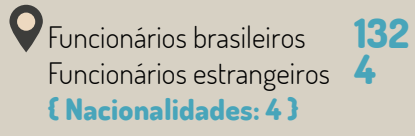
TOTAL DE FUNCIONÁRIOS



IDADE DOS FUNCIONÁRIOS EM ANOS



NACIONALIDADE



MOBILIZAÇÃO







Desde as suas origens o Greenpeace é uma organização que coloca campanhas nas ruas por meio de pessoas. Acompanhe os números de mobilização no mundo virtual e no real:

OFFLINE

 Voluntários

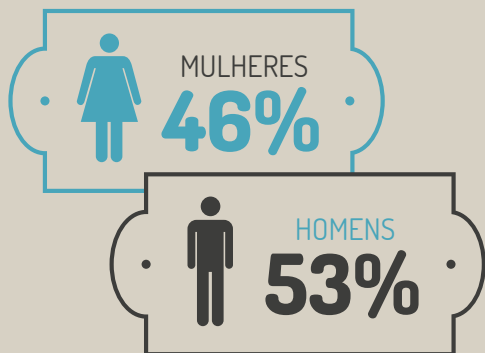
252

ONLINE

 Twitter (seguidores) **653.093**
 Facebook (curtiram) **1,021.106**
 Ciberativistas ativos **1,261.106**
 Google Plus **195.559**

NOSSOS COLABORADORES

SEXO*



IDADE EM ANOS



25 ou menos	-	22%
26 a 35	-	31%
36 a 50	-	25%
acima de 51 anos	-	22%

REGIÃO*

Centro Oeste	-	3%
Nordeste	-	8%
Norte	-	2%
Sudeste	-	72%
Sul	-	14%



TEMPO DE DOAÇÃO



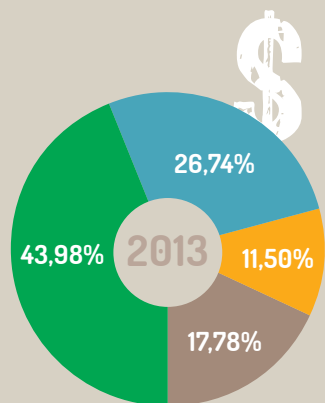
Até 1 ano	-	38%
de 1 a 5 anos	-	39%
de 6 a 10 anos	-	16%
mais que 10 anos	-	7%

*NÚMEROS APROXIMADOS

RELATÓRIO FINANCEIRO

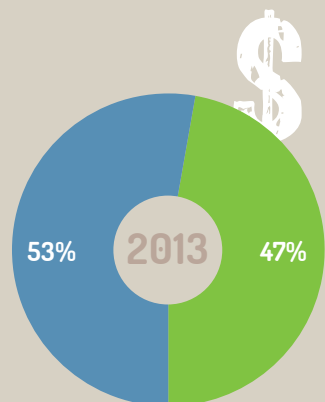
2 0 1 3

O Greenpeace é uma instituição sem fins lucrativos e independente, que não aceita doações de governo, empresas ou partidos políticos.



DESPESAS (EM R\$ MIL)

	2013	2013	2012
● Campanhas	9,333	43,98%	43,52%
● Informação pública e difusão	2,441	11,50%	11,32%
● Aquisição/relacionamento com colaboradores	5,674	26,74%	27,13%
● Organizacional	3,772	17,78%	18,04%
TOTAL DESPESAS	21,220	100%	100%



RECEITA (EM R\$ MIL)

ARRECADAÇÃO	2013	2013	2012
● Contribuições do Greenpeace Internacional	11,569	53%	59%
● Captação nacional	10,061	47%	41%
TOTAL DESPESAS	21,630	100%	100%

EXPEDIENTE

GREENPEACE BRASIL

Conselho diretor:

Presidente
Conselheiros

Laura Valente
Leda Machado
Vera Frascino
Marcos Nisti
Marcelo Estraviz
Oskar Metsavaht

Diretor-executivo
Diretora de programas
Diretor de políticas públicas
Diretora de mobilização
e comunicação
Diretor de marketing e
captação de recursos
Diretora do organizacional

Asensio Rodriguez
Annette Cotter
Sérgio Leitão

Lisa Gunn

André Bogdan
Karla Battistella

RELATÓRIO ANUAL 2013

Editor
Editora de fotografia
Redatores

Bruno Weis
Danielle Bambace
Alan Azevedo
Bernardo Camara
Luana Lila

Designer gráfico
Impressão
Tiragem

W5 Criação e Design
Hawaii Gráfica & Editora
28 mil exemplares

ATENDIMENTO: 11 3035 1151
relacionamento@greenpeace.org
www.greenpeace.org.br

WWW.
GREENPEACE.
ORG.BR

VALORES E PRINCÍPIOS

O Greenpeace é uma organização global e independente que atua para defender o ambiente e promover a paz, inspirando as pessoas a mudarem atitudes e comportamentos.

Investigando, expondo e confrontando crimes ambientais, desafiamos os tomadores de decisão a rever suas posições e adotar novos conceitos. Também defendemos soluções economicamente viáveis e socialmente justas, que ofereçam esperança para esta e para as futuras gerações.

Nossos valores – independência, não-violência, confronto pacífico e engajamento – são a expressão dos princípios que nos guiam e em que acreditamos. Utilizamos estes valores para orientar o desenvolvimento de nossas campanhas, nossa comunicação e nossa mobilização de recursos.

Rua Fradique Coutinho, 352
Pinheiros | CEP 05416-000
São Paulo/SP | (11) 3035-1155

